



A FLOR QUE NASCEU DO ASFALTO:

A vivência em um assentamento do MST como estratégia para aflorar a defesa do SUS em estudantes da graduação em saúde

Douglas Vinicius Reis Pereira
Gabriela Pinheiro Bezerra
Lazaro Vinicius Amorim Silva

RESUMO: Esse trabalho relata a experiência do Diretório Acadêmico de Medicina da Universidade Federal da Bahia na organização de uma vivência coletiva. Em 7 dias, 40 estudantes de medicina participam do cotidiano de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, buscando ampliar seu entendimento sobre saúde. A percepção de que o acesso a terra é fundamental para efetivação da cidadania e do direito a saúde serve ainda como ferramenta para sensibilização destes estudantes na luta e defesa de um SUS público, gratuito, universal e de qualidade.

ABSTRACT: Present work depicts a collective experience, organized by representatives from Medical Students` Union`s of Federal University of Bahia. Along 7 days, 40 medical students participated in everyday activities of a settlement of Landless Workers` Movement, aiming to widen their understanding on health-related topics. The perception of access to land as a keystone in building up both citizenship and right to health also works as a tool for encouraging these students in struggling a public, universal, free and of high-level quality health system.

KEYWORDS: Experience, Medical students, Right to health.

INTRODUÇÃO

O caráter formativo da graduação em medicina no Brasil é uma temática pertinente e diz respeito à atuação de diversos agentes, dentre eles os estudantes. O movimento estudantil historicamente e em sua maioria dialoga com o conceito de saúde¹ como direito, garantido na Constituição de 1988, que a entende em seu sentido ampliado, no que se refere ao caráter biopsicossocial construído por determinantes que podem ser alvo de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida da população.²

Apesar dos avanços institucionais para que o caráter social das comorbidades em saúde fosse levado em consideração, principalmente ao compararmos com o início das políticas de saúde até a década de 30, estritamente campanhistas, como o exemplo da Revolta da Vacina, e posteriormente vinculada à previdência social,³ o modelo Flexeriano das Escolas Médicas, considerado biologicista e tecnicista, por não considerar as subjetividades dos sujeitos portadores de doenças e suas realidades vividas, afasta os estudantes da construção de um sistema de saúde público e de qualidade.⁴

A novas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2014 tentam reestruturar este modelo com um ensino que reflita as necessidades da população. Para tanto, há uma preocupação em aliar a teoria e a prática, com a diversificação dos cenários de aprendizagem, a interdisciplinaridade com outras áreas da saúde e outras visões de processos de prevenção e tratamento, a clínica ampliada e a apreensão de tecnologias leves de cuidado.⁵



Entretanto, é sabido que para ultrapassar a crise no setor da saúde é preciso uma articulação ampliada entre servidores, docentes e discentes dos cursos de graduação e dos trabalhadores e trabalhadoras da área de saúde. O SUS é alvo de intensa precarização trabalhista, de desmontes no seu financiamento, e ataques no nível primário de atenção, o qual tem existência estratégica na prevenção de agravos, o que diminui a demanda de serviços em níveis mais especializados de atenção, além de atuar diretamente na mudança de hábitos e conseqüente melhoria da expectativa de vida.⁶

O protagonismo dos estudantes nessa batalha é desafiador e fundamental para inspirar futuros colegas profissionais a enxergarem a saúde pública do seu país como algo a ser defendido e se responsabilizarem na sua construção. Dentre as estratégias dos discentes estão os estágios locais de vivência no SUS. Trata-se da discussão a partir da visão prática em que a pedagogia “bancária” das salas de aula dá lugar ao fundamento pedagógico freiriano, a chamada pedagogia do oprimido⁷, em que a relação dialética de ensino e aprendizagem se fortalece ao pensar a teoria a partir da prática, tendo uma visão concreta da realidade, em que a criticidade aflora o desejo de pertencer ao que está sendo construído diante dos nossos olhos.

Assim, este relato de experiência objetiva trazer um recorte do que foi vivenciado por intermédio de estudantes da graduação em medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em que um encontro com a realidade concreta em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi o cenário da construção de um entendimento ampliado das necessidades em saúde do povo brasileiro e de como podemos mudar os empecilhos na abrangência do direito à saúde neste país.

O movimento social em questão existe desde a década de 80 no Brasil e tem como pauta principal a democratização do acesso à terra, por meio da reforma agrária, uma vez que a história brasileira é construída em um cenário de concentração latifundiária de uma economia agroexportadora. Quem constrói o movimento adota uma postura política de participação ativa na construção de justiça social, entendendo que a posse de terra vai para além do direito à moradia, sendo a aquisição do mínimo de cidadania para poder haver educação e saúde de qualidade.⁸

O encontro de realidades tão distintas quanto a de trabalhadores que reivindicam melhorias de vida e estudantes que são, em sua maioria, detentores de privilégios sociais e futuros provedores do acesso à saúde desta população propicia uma construção coletiva de valores essenciais para a saúde pública de qualidade, por tanto, o trabalho em questão vem como uma nova perspectiva, que funciona na nossa faculdade, para que outros locais a enxerguem também como uma possibilidade de diálogo entre o corpo estudantil e o que é vivido pela classe trabalhadora.



A partir das evidências das suas contradições, coloca-se para os participantes do projeto a seguinte pergunta: é possível existir em Universalidade, Integralidade, Equidade, e Controle Social dentro da sociedade em que vivemos? O que é, de fato, saúde?

METODOLOGIA

A experiência em questão configura-se como o primeiro dia de vivência do ELV (Estágio Local de Vivências no SUS), organizado pelo Diretório Acadêmico de Medicina (DAMED) da Faculdade de Medicina da Bahia, FMB- UFBA. O local é o Assentamento Canguçu, a cerca de 15 km da cidade de Vitória da Conquista - BA.

A partir da crítica tanto à crise do setor saúde quanto ao processo de formação médica hegemônico, foi realizado pelo DAMED, no semestre letivo 2000.1, o primeiro Estágio Local de Vivência em SUS. A proposta, que partiu da Secretaria de Políticas de Saúde do DAMED, foi inspirada em experiências que alguns membros do diretório tiveram num Encontro Regional dos Estudantes de Medicina (EREM) e também nos Estágios Nacionais e Regionais de Vivência em SUS, espaços organizados pela Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina – DENEM. Vale ressaltar que os Estágios Nacionais e Regionais (e, por consequência, também o ELV-SUS), beberam das experiências da FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – que realiza, até hoje, estágios de vivência no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), como uma adaptação de uma ferramenta para a instrumentalização da militância do coletivo estudantil de Medicina, a partir de experiências práticas dentro do nosso campo de atuação – a saúde. A primeira edição do ELV-SUS contou com do auxílio fundamental do Departamento de Medicina Preventiva e Social da FMB-UFBA. Atualmente, os projetos de estágios nacionais e regionais de vivência em SUS não são realizados pela DENEM; somente o ELV-SUS continua a ser realizado, e caminha para a sua trigésima quinta edição.

Os (as) estagiários(as) são em torno de 40 recém-ingressos no curso de medicina que convivem durante uma semana em um município que o SUS funciona adequadamente, participando no período noturno de discussões a respeito do que vivenciaram durante a manhã, com facilitação de 10 monitores que constroem todas as etapas do estágio. No dia de vivência do assentamento, é fundamental problematizado, junto aos estagiários, a função dos movimentos sociais, especialmente dentro do atual contexto de avanço do neoliberalismo, em que movimentos sociais organizados da América Latina, a exemplo dos zapatistas no México, dos tupamarus no Uruguai e dos sem-terra no Brasil, provam que é possível impor resistência, através da auto-organização e gestão das próprias lutas por liberdade. É traçado também um paralelo entre o Movimento Estudantil e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, apontando suas semelhanças enquanto movimentos sociais organizados.



A análise da experiência foi feita a partir do método de observador-participante, rememorando as narrativas trazidas nos momentos de discussão com as impressões dos estudantes que vivenciaram pela primeira vez o estágio.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

VIVÊNCIA DO ASSENTAMENTO: DO ESTRANHAMENTO A (DES)CONSTRUÇÃO DE VALORES

Cada indivíduo traz consigo experiências próprias do contexto social, político e cultural onde estão inseridos e isso contribui significativamente para o entendimento de si e do que o cerca. O contato com o movimento social logo no primeiro dia de estágio gera, na maioria das vezes, estranhamento, uma vez que os valores compartilhados naquela comunidade são, muitas vezes, diferentes dos experienciados no cotidiano dos estudantes.

O estranhamento é gerado pela criminalização dos movimentos sociais principalmente pela mídia e pela academia, no sentido de descaracterizar, ridicularizar e estigmatizar suas teses, demandas e práticas⁹. A estigmatização dos movimentos sociais e de suas ações se dá pela via da caracterização de suas demandas como antipopulares e de suas ações como voltadas contra os grupos sociais que defendem¹⁰.

A universidade não cumpre seu papel de ser socialmente referenciada e acaba por endossar tais estereótipos. Um dos objetivos desta vivência é romper com essa visão simplista e falsa, (re)construindo valores e concepções, através da prática, sobre o que é e o que propõe o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Vale ressaltar que o MST é apresentado diariamente como violento, vinculado à corrupção e ao banditismo¹¹.

O compartilhar de saberes entre os estudantes da graduação e os assentados conflui para um saber que não é comum na universidade: a academia junto ao povo na produção do conhecimento. Os movimentos sociais têm muito a dizer no que se refere ao “ensaio” ou “laboratório” do que seria uma universidade alternativa¹², sendo assim, o intercâmbio de saberes é vital para a republicação do espaço público universitário¹². Vale ressaltar ainda o debatido trazido por Dagnino (2010)

“a agenda dos movimentos sociais poderia ajudar a radicalizar as bandeiras de ‘acesso à universidade’, ‘cotas para pobres, negros, etc’ que estão em voga hoje em dia, já que tem como meta mudar radicalmente o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias”. (Dagnino, 2010)

Dessa forma, esse primeiro contato é fundamental para a posterior discussão do estágio sobre o que é saúde e o que é movimento social. Através das experiências ao longo do dia, os alunos ganham conhecimentos empíricos que serão o alicerce para aflorar a defesa do SUS.



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: AFLORANDO A DEFESA PELO SUS ATRAVÉS DO ENTENDIMENTO DO CONCEITO AMPLIADO DE SAÚDE

As rodas de conversas são uma estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social¹⁴. Nesse sentido, a discussão da vivência se dá de maneira livre com as perguntas introdutórias “o que é saúde?” e “o que é movimento social?”.

Entende-se a necessidade de levantar dentro da roda de conversa a concepção de saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a fim de superá-la, por entender que essa definição é limitada e não leva em consideração o processo de determinação social no processo saúde-doença. Faz-se necessário emancipar os alunos para a compreensão de que saúde é algo altamente subjetivo.

Além disso, é percebido ao longo da discussão que a imagem estereotipada do MST é desfeita. Isso acontece por entender que aquela realidade vivida foge aos estigmas pregados pela mídia e academia. Surge na roda conceitos-chaves para o entendimento de movimento social como coletividade, organização e luta popular e projeto de sociedade.

Esse momento de roda de conversa é também um marco importante na formação política dos alunos, que irá reverberar na defesa do SUS. Sem formação, a luta mais feroz não passa de uma luta espontânea contra os efeitos da exploração¹⁵. O processo de tomada de consciência para a defesa do SUS se consolida nesse espaço, devendo ser encarado como trabalho de base, uma vez que, esse se fortalece quando une a luta imediata de seu território com a luta regional, nacional e internacional¹⁵.

O ápice da roda de conversa se dá quando o coletivo consegue compreender duas nuances. A primeira que a forma mais sólida de defesa de um sistema de saúde público, estatal, gratuito e de qualidade se dá através da organização e luta popular. A segunda que o próprio nascedouro do SUS se deu através da reunião de diversos setores da sociedade – desde os setores da base até a população de classe média e os sindicatos¹⁶, resultando em um amplo movimento social.

Portanto, através dessa experiência repensar no papel da universidade e no que ela tem se proposto ao longo do tempo é de extrema importância, uma vez que, percebe-se o afastamento desta em relação ao povo, produzindo conhecimento para atender uma parcela diminuta da sociedade. O modelo produtivista de ensino e pesquisa torna-se cada vez mais escancarado, não pergunta o que se produz, como produz, para quem ou para que se produz¹⁷. Quando a universidade chega até o povo e se debruça para entendê-lo e gerar conhecimento, ela cumpre seu papel social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência possibilitou aos estudantes uma aproximação com o movimento social e despertou o entendimento e interesse de que é necessária uma luta popular em defesa dos Sistema Único de Saúde.

Junto a isso, é possível perceber o quão distante a universidade tem estado em relação ao povo e que a sua produção cada vez se torna mais fechada nos próprios muros.

Apesar do impacto no primeiro momento da troca valores, o saldo da vivência é extremamente positivo. Os alunos que participam do estágio são sementes novas que vão germinar e florescer em defesa de um sistema de saúde democrático em sua essência e, também, uma nova perspectiva do papel da universidade.

Como já dizia Che Guevara “temos nossas mentes e nossas mãos cheias de semente do amanhecer e estamos dispostos a semeá-la e a defendê-la para que dê frutos”. Os nossos alunos são os frutos de um trabalho coletivo em prol do SUS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NOGUEIRA, MI. O Movimento Estudantil de Medicina e a transformação da Escola Médica. Interface (Botucatu) [online]. 2000, vol.4, n.7, pp.159-160.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988
- CARVALHO, G. A saúde pública no Brasil. Estud. av. [online]. 2013, vol.27, n.78, pp.7-26.
- KOIFMAN, L. O modelo biomédico e a reformulação do currículo médico da Universidade Federal Fluminense. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 2001; vol. 8, pp. 48-70.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Diário Oficial da União 2001; 3 out.
- JÚNIOR, F. B. Gestão do SUS: o que fazer? In: BRAVO, M. I. S.; et al. (Org.). Política de Saúde na Atual Conjuntura: modelos de gestão e agenda para a saúde. Rio de Janeiro: Rede Sirius/Adufrj-SSind, 2008.
- REIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
- CALDAR, RS. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. *Estud. av.* [online]. 2001, vol.15, n.43, pp.207-224.
- MATOS, AG. Organização social de base: reflexões sobre significados e métodos. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD / Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, 2003.
- FILHO, AF. Criminalização dos movimentos sociais: democracia e repressão dos direitos humanos. Disponível em <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/artigo-e->



[ensaio/criminaliza%C3%A7%C3%A3o-dos-movimentos-sociais-democracia-e-repress%C3%A3o-dos-direitos](#) Acesso em: 20/09/2017

MOVIMENTO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, A Criminalização dos Movimentos Sociais no Brasil: Relatório de Casos Exemplares, Brasília, 2006.

NOVAES, HT. A relação universidade-movimentos sociais na América Latina: habitação popular, agroecologia e fábricas recuperadas. Instituto de Geociências – Unicamp. Campinas, 2010

DAGNINO, R. (org.) Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia e Política de Ciência e Tecnologia – abordagens alternativas para uma nova América Latina. João Pessoa: EDUEPB, 2010

SAMPAIO, J et al .Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. Interface (Botucatu). 2014; 18 Supl 2:1299-1312

PELOSO, R. Método de trabalho de base e organização social. Secretaria Nacional do MST, 2009.

PAIM J, TRAVASSOS C, ALMEIDA C, BAHIA L, MacInko J. The Brazilian health system: History, advances, and challenges. Lancet. 2011;377(9779):1778–97.

CHAUÍ, M. A Universidade Operacional. 1999;